

RESUMO: Este projeto de trabalho parte de uma análise histórica político-educativa e pedagógica, compreendendo a realidade nacional e, particularizando o universo da realidade imediata que nos cerca. Demonstramos analiticamente, o âmago das relações sociais estabelecidas entre a sociedade envolvente e os grupos étnicos estabelecidos tradicionalmente nas planícies roraimenses. Observando atentamente as distorções urdidas de um malencontro, às vezes inominável, o CEI propõe uma filosofia pedagógica direcionada à valorização do homem nativo e sua cultura buscando, juntamente com os tuxauas, auxiliar as comunidades nos seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento. Temos por base os valores culturais indígenas na proporção e direção desejadas pelos índios. Desta forma, acreditamos, a escola estará contextualizada à vida produtiva das comunidades, através da utilização sistemática do trabalho, seja através da participação dos professores e alunos, como agentes do progresso nos empreendimentos voltados para a melhoria da qualidade de vida nas aldeias.

ABSTRACT: This project of work is part of an historic, politic-educational and pedagogic analysis, realizing the national reality and particularly the universe of immediate reality that is shown. We demonstrate analytically the center (central part) of the social relationship among the involved society and ethnic groups. Settled traditionally in the lowlands of Roraima. Observing carefully the different brought up from an uncertain meeting or relationship, sometimes impossible. The CEI intend to show a pedagogic philosophy directed to valorization of the native man and his culture, searching in a co-operation work with the tuxauas to help the communities in their self walk to the development. Having as bases the indian cultural values in proportion and direction desired by the indians. According to this, the school will be together in the productive lives of the communities through the systematic organization of the work, and the participation of the teachers and students as helpers of progress in the a work directed to a best quality of life in the indians communities.

1 Centro de Educação Indígena (Núcleo pertencente à Secretaria de Educação do Estado).

2 Chefe do CEI.

Os segmentos das comunidades indígenas compreendidos pelas populações Makuxi e Wapixana situam-se, basicamente do ponto de vista social, no mesmo universo das demais tribos semi-aculturadas do Brasil, que têm "merecido" historicamente, dos governos Estaduais e Federal, o mesmo tratamento que se dispensa às populações carentes de todo o país.

No entanto, a questão social no que diz respeito aos índios se apresenta infinitamente, mais complexa que aquela relacionada às populações "brancas", dados os aspectos culturais fundamentalmente diversos que separam os índios dos brancos, com inegável desvantagem para os primeiros, dos quais a comunidade envolvente (salvo a honrosa exceção de um grupo de intelectuais) exige um comportamento idêntico ao seu, obscurecendo por ignorância ou por malícia, as diferenças culturais evidentes a uma observação honesta, até mesmo se superficial.

Estagnados numa zona cultural de sombras entre sua cultura primitiva, comum às sociedades iletradas, e a cultura brasileira, de origem cristã européia, os índios roraimenses das planícies perderam também com a sua cultura, a segurança que lhes era proporcionada pela estabilidade de suas instituições, por mais frágeis que estas fossem, sem que conseguissem ~~interar-se~~ à sociedade envolvente, assimilando efetivamente os valores fundamentais da chamada civilização ocidental capitalista.

Vítimas de um processo de conquista sangrento em que os colonizadores "cristãos" quebraram a sua verve sufocando os ímpetos de dignidade através de inúmeros massacres, os nossos índios, sempre conheceram a face mais sórdida da nossa sociedade, aquela que usamos para utilizá-los como servos para corrompê-los pela bebida, para prostituir sua juventude, para nos apossarmos de suas terras, etc., e foi essa mão que estendemos para eles. Apoiado nela, eles estão tendo que caminhar rumo ao interior do nosso Universo.

Olhando o problema sob esse prisma, pode-se afirmar que a situação dos Makuxi, Wapixana e Taurepang é bem pior que a daqueles cuja condição de índios não se pode lançar dúvidas, por se acharem mais preservados do contato com os brancos, e sobre os quais muitos segmentos da comunidade nacional e, até

mundial, exercem constante vigilância.

Aos primeiros se procura negar cavilosamente a condição de índios e não é difícil de se concluir que, tendo sido objetos de um processo de aculturação como o que abordamos acima, eles, ao perderem a condição de índios, não seriam vistos como cidadãos, mas antes, como uma espécie de párias, os chamados caboclos, tidos como preguiçosos, alcóolatras, etc., simples vultos humanos perdidos no lusco-fusco daquela zona de sombras a que nos referimos, abandonados pelos intelectuais, pelos governantes e pela mídia, porque travestidos de "brancos" perderiam o exotismo, não seriam mais um bom motivo de autopromoção.

Nós, todavia, que temos convivido diariamente com esses índios, somos testemunhas do imenso fosso que os separa do nosso universo psicológico, apesar de travestidos de civilizados, da angústia que os inquieta por se sentirem julgados e por tentarem julgar a si mesmos pelos nossos padrões, como também por não encherem a luz no fim do túnel em que se vêem metidos, túnel esse, representado por uma realidade ameaçadora repleta de indefinições que envolvem: a sua identidade, pessoal e grupal; sua real posição no contexto sócio-econômico e político do Brasil; suas relações com a comunidade envolvente, a qual sentem-se presos por velhos laços afetivos e da qual se vêem, ao mesmo tempo tão separados por interesses conflitantes.

Convivendo com esse grupo humano, abordando-o com amor e respeito, despidos de preconceito, qualquer observador chegará à conclusão de que ele é integrado por seres humanos, em geral dotados de grande potencial intelectual e afetivo, mas também concluirá que são seres humanos índios. Significa dizer que apesar de terem sido impregnados da visão do mundo dos brancos, esses índios pertencem visceralmente, a uma outra cultura, que continua a ser o substrato das suas almas, à partir da qual vêem e sentem o seu próprio universo.

Qualquer observador chegará também à conclusão que, a continuar o processo de aculturação espontâneo, tal como vem ocorrendo historicamente, eles jamais assimilarão nosso modo de vida, como também jamais voltarão, de modo próprio, ao modo de vida do qual foram arrancados. Então, qual é a alternativa? É a

pergunta que nos ocorre.

A resposta, do enfoque desta Secretaria, através do seu Centro de Educação Indígena, é a seguinte: uma vez caracterizados os grupos humanos em foco como grupos indígenas, porque ainda dotados basicamente de uma cosmovisão indígena e de traços culturais bem peculiares dos silvícolas brasileiros (tais como língua, artesanato, folclore, etc.), reconhecido, porém, seu estágio de assimilação superficial dos valores dos "civilizados", a resposta razoável a ser dada pelo governo, dizíamos, será de viabilizar os meios para que esses seres humanos absorvam a tecnologia e os conhecimentos humanistas necessários ao seu desenvolvimento harmônico, preservados aqueles valores culturais básicos peculiares à sua condição de índios, caracterizadores dessa própria condição, que se constitui num valor essencial, não só por si mesma, enquanto patrimônio cultural da humanidade, mas também como fator de proteção contra a massificação e a marginalidade a que estão sujeitas as populações carentes no Brasil.

Torna-se evidente, portanto, a necessidade de uma ação educativa sistemática e sistematizadora desse processo desenvolvimentista, que abranja não apenas as crianças em idade escolar, mas também os adultos, pois só assim interromperemos o processo, em curso, de degradação humana, promovido pela aculturação histórica, que os expõe, virtualmente indefesos, à degradação moral e ao contágio de todo tipo de doenças, tais como a malária, o calazar, a tuberculose, a sífilis, todo o espectro das doenças venéreas, etc.

No Território de Roraima a educação pública se fez historicamente sob os auspícios do governo estadual, através da Secretaria de Educação do governo estadual, em virtude da carência de recursos financeiros e de infra-estrutura administrativa dos nossos municípios.

No caso específico dos índios Wapixana e Makuxi, basicamente, não se pode dizer que eles foram deliberadamente segregados quanto ao acesso à escola, pois esta foi levada a quase todas as aldeias.

Contudo, é difícil precisar qual a base filosófica dessa escola, quanto aos seus objetivos. Parece que a idéia era de melhorar a condição de vida dos próprios índios, dotando-os de melhores meios de comunicação, no seu sentido

prático, utilitário, mas era também de torná-los mais úteis a nós, os padrões afetivos ou potenciais.

Quanto a abordagem das culturas indígenas o que procuramos foi eliminá-las como algo objeto e estigmatizante, a ponto de se rotular de gírias as línguas faladas pelos diversos grupos.

Essa abordagem filosófica sofreu, hoje, uma sensível modificação, graças a adoção, por parte de alguns técnicos, da nova mentalidade, hoje predominante nos meios culturais, nos órgãos de comunicação em geral e nos meios pedagógicos nacionais, mais especificamente.

No entanto, muito há que se fazer no sentido de aprofundar a contextualização cultural da escola indígena, e imprimir a sua ação pedagógica num sentido positivamente construtivo.

Como dizíamos, a escola foi levada a quase todas as aldeias, ainda que na sua forma urbana e alienante, ao sabor da vontade dos políticos, dos funcionários da Secretaria ou dos respectivos Tuxauas.

Não havia, portanto, como não há, até o presente, uma política educacional rural e muito menos indígena. Conseqüentemente, não se dotou o sistema de uma infra-estrutura de apoio adequado, nem tampouco de um projeto de formação de recursos humanos eficientes.

O resultado dessas deficiências foi uma escola dissociada da realidade social onde está inserida e, ainda por cima, funcionando de forma precaríssima, não passando, em alguns casos, de tristes simulações onde o professor ensina pouco e os alunos aprendem menos ainda.

Todavia, em que pese esse quadro desanimador, consubstanciado pela educação pública nas áreas indígenas de Roraima, é importante salientarmos, a bem da verdade, que existem, também, aspectos positivos na atribulada história desse segmento educacional do Estado, quase todos decorrentes da ação pertinaz do Centro de Educação Indígena, que vem, já há alguns anos, produzindo material didático nas línguas indígenas e se constitui hoje, num espaço do índio dentro desta Secretaria.

Há que se afirmar, apesar de tudo, que a escola é hoje a única instituição

pública que se faz presente em 97 aldeias, de um universo de 134 comunidades, tendo escolas funcionando em todas as aldeias mais populosas, atendendo a cerca de 3.339 alunos do 1º Grau.

Essa presença da escola, nas comunidades indígenas, enriquecida, agora, por uma filosofia pedagógica direcionada à valorização do homem nativo e sua cultura, credencia-a já há algum tempo, como a instituição mais adequada para orientar um processo educativo sistemático de desenvolvimento comunitário, construindo uma política educacional efetivamente identificada com a realidade brasileira, também capaz de resgatar o conceito de cidadania.

O professor e a própria escola indígena, dessa perspectiva, crescerão em importância, abandonando, definitivamente os seus exíguos limites anteriores, para ocupar um espaço político social no seio da comunidade, buscando juntamente com os Tuxauas e demais líderes, auxiliar às comunidades nos primeiros passos rumo ao desenvolvimento, tendo como base os valores culturais indígenas na proporção e na direção desejadas pelos índios.

Nessa abordagem contextualizada, a escola deverá estar perfeitamente entrosada na vida produtiva das comunidades, seja através da utilização sistemática do trabalho (simultaneamente, como recurso pedagógico e fator gerador de riquezas e de bem-estar social), seja através da participação dos professores e alunos, como agentes do progresso nos empreendimentos voltados para a melhoria da qualidade de vida nas aldeias.

Essa reflexão nos leva a voltar os olhos para o pré-escolar.

Por todas as razões sobejamente conhecidas dos pedagogos, não poderíamos deixar de atentar para essa área de ensino tão vital para o êxito do processo pedagógico.

Na área indígena sua importância transcende àquela das comunidades brancas por ser vital que as crianças assimilem, através da escola, hábitos de vida relativos à higiene e ao trabalho, cuja aprendizagem as crianças brancas iniciam na convivência dos lares.

Há que se ressaltar, ainda, a importância dessas crianças receberem, o mais precocemente possível, através da merenda escolar, a alimentação básica

necessária ao seu pleno desenvolvimento orgânico.

Ainda no que diz respeito à filosofia de ensino, que será dinamizadora do processo pedagógico na escola indígena, buscaremos desenvolver e aprimorar um método que associe os princípios pedagógicos do Prof. Paulo Freire e o método construtivo da Prof. Emília Ferreiro, baseando-nos em experiências, já do domínio de alguns técnicos e professores do C.E.I, adquiridas na implementação do nosso projeto global de educação, intitulado "APRENDENDO COM A NATUREZA".

Todo esse castelo de sonhos pedagógicos repousa, evidentemente na tomada de algumas medidas infra-estruturais indispensáveis ao êxito do projeto, quais sejam:

- 1 - reforma e expansão da rede física escolar, de modo a adequá-la aos novos objetivos propostos pelo Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania.
- 2 - descentralização do sistema administrativo, através da locação de supervisores em postos pedagógicos a serem construídos nos locais de maior concentração populacional. Esses postos pedagógicos, constituir-se-ão de escritórios regionais, dirigidos por um supervisor e equipados com pequenos armazéns para estocagem de merenda escolar, material didático, etc., e um pequeno auditório para os encontros regionais de professores.
- 3 - deverão ainda, dispor de uma motocicleta para as viagens de supervisão e fiscalização do Diretor - adequação à proposta "Aprendendo com a Natureza", nos cursos de habilitação, capacitação e treinamento de recursos humanos.
- 4 - equipagem do C.E.I com os meios de transporte e comunicação necessários.

A implementação deste projeto ficará sob responsabilidade da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do Estado de Roraima, em virtude, como já esclarecemos, da falta de infra-estrutura administrativa e de recursos financeiros dos municípios.

Vale ressaltar, porém, que se buscará nas diversas fases de execução, uma participação de todas as instituições interessadas, visando a conjugação de esforços no sentido da integração plena dos grupos indígenas abordados, à cidadania brasileira, preservados os seus valores étnicos e culturais.